



JODI MEADOWS

INFINITA

TRILOGIA INCARNATE VOLUME 3

valentina 

INFINITA



INCARNATE

Volume 1

ALMANOVA

Volume 2

ALMANEGRA

Volume 3

INFINITA

JODI MEADOWS

INFINITA

TRILOGIA INCARNATE VOLUME 3


Tradução

Bruna Hartstein

valentina 

Rio de Janeiro, 2016

1ª Edição



Copyright © 2014 by Jodi Meadows

TÍTULO ORIGINAL

Infinite

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Marcela Nogueira sob original de Joel Tippie

FOTO DE CAPA

Gustavo Marx/MergeLeft Reps, Inc.

FOTO DA AUTORA

Housden Photography

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M431i

Meadows, Jodi

Infinita / Jodi Meadows; tradução Bruna Hartstein. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
328p.: 23 cm. (Incarnate; 3)

Tradução de: Infinite

Sequência de: Almanegra

ISBN 978-85-65859-93-6

1. Romance americano. I. Hartstein, Bruna. II. Título. III. Série.

16-30062

CDD: 813

CDU: 821.111 (73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

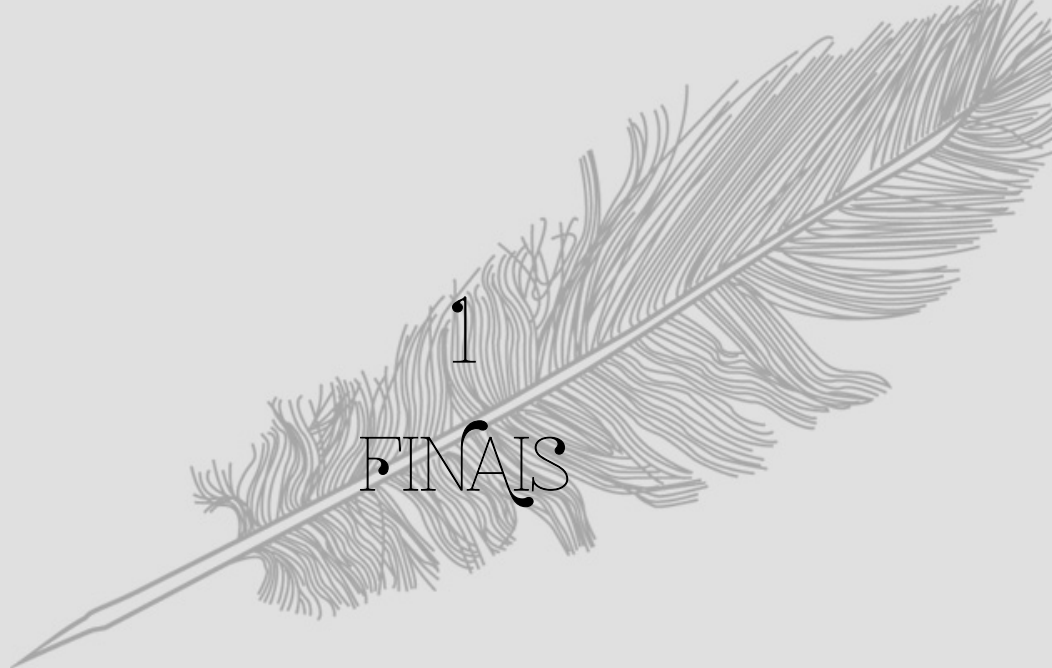
Para Jeff.

Meu marido. Meu melhor amigo.

Meu amor por você é como o título: infinito.



INFINITA



1

FINAIS

MINHA MORTE NÃO seria um recomeço.

Por milhares de anos, a morte em Range significou outro renascimento. Outra vida. Até que alguém morreu na noite em que o templo escureceu, e eu nasci no lugar dessa pessoa.

Uma sem-alma. Uma almanova. Uma alma rejeitada.

Eu era um mistério que todos buscavam controlar, uma criatura assustadora que havia obrigado o mundo a reconsiderar tudo o que sabia sobre a vida e a morte e o que acontecia em seguida. Mas era a única. Um mistério a ser desesperadamente ignorado, um erro que jamais se repetiria.

Até que meu pai planejou um segundo Escurecimento do Templo e, para dezenas de almas antigas, isso representou a morte definitiva. Violenta. Apavorante. Irreversível.

No ano que se seguiu, outras almasnovas nasceram, e o mundo lamentou com mais veemência ainda a perda das almasnegras, sem se dar conta da verdade sinistra a respeito da reencarnação. Todos achavam que renascer era algo natural, quando a verdade era exatamente o oposto: enquanto as almas antigas viviam, morriam e renasciam, milhões de almasnovas eram consumidas pela entidade responsável por essas reencarnações.

Janan. O Devorador. Um ser que um dia fora humano, mas que tinha ido longe demais e agora estava prestes a provocar a destruição do mundo.

Quando isso acontecesse, não restaria nada além de finais.



O relógio bateu meia-noite.

O Ano das Almas começou com um estrondo trovejante nas entranhas da terra.

— O que *foi* isso? — Minha voz retumbou pela sala, cujo chão continuava coberto por restos de instrumentos arruinados e pétalas de rosas. A luz da cozinha incidia sobre um quadrado de tábuas empoeiradas do piso, mas, afora isso, a sala estava imersa em penumbra. Tínhamos acordado alguns minutos antes, após pegarmos no sono no sofá depois que nossos amigos foram embora na noite anterior.

Do outro lado da sala, Sam inclinou a cabeça e apurou os ouvidos. Uma franja de cabelos negros encobriu-lhe os olhos, enquanto ele vasculhava a memória em busca de uma explicação para o estranho trovejar.

O chão tremeu sob nossos pés. Soltei um grito e me apoiei contra a parede. Os batimentos cardíacos de Janan pulsaram em contato com meus dedos.

Ajoelhei e apoiei as mãos no chão, distribuindo o peso para me equilibrar melhor.

— O que está acontecendo? — O pânico fez minha voz soar alta e esganiçada. Sam aproximou-se cambaleando devido aos tremores do chão.

— É um terremoto. Não se preocupe. Vai passar.

Os objetos de decoração na estante em forma de colmeia que dividia a sala da cozinha tilintaram ao baterem uns contra os outros. Algumas estatuetas de obsidiana caíram das prateleiras. Um som de madeira, pedra e vidro batendo, rolando e se espatifando no chão ecoou pela sala. Redemoinhos de pétalas se formaram em alguns lugares.

O tremor enfraqueceu, mas não parou. O mundo regurgitou mais uma vez e fez com que tudo tombasse de lado. Peças de mobília viraram no andar de cima. Galhos de árvores se partiram do lado de fora. A terra inteira rugiu. Gritei quando as prateleiras esculpidas à mão racharam, lançando farpas por toda a sala.

Sam tropeçou e caiu ligeiramente fora do meu alcance. Uma expressão de surpresa e dor cruzou-lhe o rosto e ele levou a mão fechada ao peito,

apertando-a com força. Uma mancha escura de sangue se espalhou pela camisa cinza do pijama.

— Sam! — Comecei a engatinhar em direção a ele, lutando contra o chão instável. — O que aconteceu com a sua mão? — Assim que terminei de formular a pergunta, vi um caco de vidro ensanguentado ao lado dele.

— Não foi nada. Está tudo bem. — O mundo pareceu se acalmar e ele se sentou nos calcanhares, apertando a mão machucada com a outra. — Até que não foi tão ruim assim.

A ideia dele de ruim devia ser o planeta inteiro se desfazendo. O silêncio repentino da terra estendeu-se pela casa, vivo e pesado. Agourento.

Sem conseguir confiar que o chão se manteria firme, arrastei-me sentada até ele, mantendo uma boa distância dos cacos de vidro.

Duas semanas antes, o conselheiro Deborl e seus amigos tinham destruído todos os instrumentos da sala do Sam. O piano, o cravo, o violoncelo, até mesmo outros instrumentos menores que deixávamos guardados dentro dos estojos. Só os que estavam no segundo andar tinham sido poupados, entre eles minha flauta. Por precisar de um pequeno reparo, ela estava na oficina. Fora salva por um simples golpe de sorte do destino.

Eu havia limpado a maior parte dos escombros imediatamente. O que restava eram pedaços que talvez um dia pudessem ser reutilizados, assim como as pétalas secas das rosas que tinham decorado uma festa com nossos amigos.

Agora, porém, a sala estava num estado mais deplorável do que Deborl conseguira deixar.

As prateleiras pendiam em ângulos estranhos, deixando livros, caixas e pedaços de objetos decorativos espalhados por todos os lados. Elas pareciam dentes prontos a se fecharem sobre alguma coisa.

Uma das lâmpadas se soltara do bocal e se espatifara no chão, deixando um rastro brilhante de cacos de vidro. Foi uma sorte ela não ter iniciado um incêndio. Qual seria o estado da cozinha, do segundo andar e das construções externas? Tinham ocorrido tantos tremores, tão fortes e em tão pouco tempo, que qualquer coisa poderia ter acontecido.

— Como está a sua mão? — Agachei-me ao lado dele e a puxei para ver.

— Está bem. — Mentira. A mão dele tremeu entre as minhas, a pele escorregadia devido ao sangue. Era difícil ver qualquer coisa sob todo aquele vermelho, mas pelo visto os cacos haviam rasgado a palma e os dedos.

— Precisamos limpar isso. Agente firme.

Sam anuiu e se manteve imóvel enquanto eu retirava caco por caco. As pontas dos meus próprios dedos começaram a doer, mas continuei até não conseguir encontrar mais nenhum. Seria bom limpar o ferimento, mas antes precisava fazê-lo parar de sangrar.

— Isso vai doer.

— Já está doendo. — A voz dele soou áspera.

Quis dizer alguma coisa para tranquilizá-lo, mas não fazia ideia da extensão do machucado para prometer o que quer que fosse. Se após limpar o sangue o aspecto estivesse muito feio, ligaria para Rin, a médica. Por ora, peguei um pedaço grande de vidro, rasguei uma tira da minha camisola para improvisar uma atadura e a enrolei na mão dele, dando tantas voltas quanto possível.

— Segure firme. Mantenha a pressão.

— Minha mão vai ficar bem. — As palavras foram ditas de modo brusco, como comandos. Como se ele pudesse ordenar aos cortes que cicatrizassem sozinhos.

— Vamos subir e fazer um curativo decente. Não escutei nenhuma viga se partindo, portanto creio que a escada seja segura. — Com sorte, a tubulação de água estaria intacta também. As luzes e tudo o mais pareciam estar em perfeitas condições. Pelo menos isso.

Assim que fiz menção de me levantar, a terra estremeceu e uma explosão ecoou a oeste. Não foi um terremoto, e sim algo mais.

Sam e eu nos pusemos de pé e corremos até a porta da frente, atentos aos cacos de vidro espalhados pelo chão. Ao sair ao encontro da noite, uma lufada de ar gelado açoitou meu rosto.

— Consegue ver alguma coisa? — perguntei.

Ele fez que não.

— Não. Mas o barulho me pareceu uma erupção.

— Não da caldeira. — A caldeira de Range era gigantesca, estendendo-se em todas as direções, e com Heart situada bem no meio. Se ela entrasse em erupção, não sobraria nada da cidade.

— Não foi a caldeira — concordou ele. Passou o braço em volta dos meus ombros e me puxou de encontro ao próprio corpo para me aquecer. — Uma erupção hidrotermal. É como um gêiser, só que maior.

— Maior quanto? — Corri os olhos pela escuridão à nossa volta, mas as nuvens obscureciam a luz da lua. Ainda que houvesse luz suficiente, o muro da cidade bloqueava totalmente o horizonte. A erupção ocorrera fora da cidade, mas podia ter sido bem próximo ao muro. A região toda era pontilhada por gêiseres.

— Depende. Às vezes bem maior. Elas são uma resposta à mudança de pressão no subsolo.

De repente, começamos a escutar um som de coisas batendo contra as árvores e a casa num ritmo estranho. Uma pedrinha caiu do céu direto na minha cabeça.

Com a mão boa, Sam agarrou meu cotovelo e me puxou em direção à casa.

— De vez em quando, as erupções hidrotermais lançam pedras e árvores no ar, mas isso não é muito comum. Só vi duas desse tipo, e foi há muito tempo.

Enquanto ele falava, uma segunda erupção reverberou ao norte, e, em seguida, uma terceira ao sudoeste. O mundo vibrou com o som de coisas voando, batendo e retinindo. Animais ziguezagueavam por entre as árvores perenes, assustados. Pássaros piavam e levantavam voo, mas não havia lugar seguro para onde voar. Uma chuva de terra despencou do céu, como se o planeta tivesse sido virado de cabeça para baixo.

— Entre — mandou Sam, a voz mais dura ao perceber outras pedras batendo de encontro às paredes da casa. — Agora.

— Como isso é possível? — Ao nos virarmos para entrar, um brilho forte atraiu meu olho.

No meio da cidade, o templo de Janan reluzia com uma luz incandescente.